

Meninos e Meninas da Mata Escura: Experiência de uma Realidade Sócio-cultural na Periferia de Salvador-Ba

Danubia Leal Lima¹

Orientador: Prof. Dr. Alcides dos Santos Caldas²

Resumo:

Este artigo pretende analisar as principais influências na construção das narrativas dos jovens de um dos bairros periféricos da cidade do Salvador, Bahia, mais estereotipados pela sociedade: A Mata Escura. A importância da identificação local para uma estrutura social eficiente também é abordada, assim como os aspectos sociais que mais afetam as experiências desses jovens, como a violência urbana. A descrição do bairro é feita de forma a se perceber, que a Mata Escura pode ser mais que o bairro da Penitenciária Lemos de Brito.

1 Introdução

A utilização de histórias verídicas contadas por jovens que convivem com uma realidade ofuscada pela sociedade é objeto para o desenvolvimento do presente artigo. Partindo da iniciativa do Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais – LTECS de articular demandas sociais, culturais e ambientais na comunidade para o

¹ Graduanda em Relações Públicas; bolsista de Iniciação Científica FAPESB.

² Geógrafo (UFBA); Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFBA); Doutor em Geografia (Universidade de Santiago de Compostela); Coordenador do Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional e Urbano da UNIFACS; Coordenador do Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais – LTECS.

desenvolvimento de projetos de inclusão social, tornou-se possível aprofundar dados sobre como essa comunidade funciona e quais são as suas reais necessidades. A comunidade escolhida para estudos foi a Mata Escura, bairro periférico da cidade de Salvador, Bahia, no qual residem aproximadamente 46.000 habitantes.

As periferias das cidades são esquecidas e tratadas como algo fora da realidade das capitais, porém como explana Lyotard (1996, p. 23), “*Deve-se entrar na cidade pelos subúrbios*”. É através da entrada na periferia de Salvador que este artigo pretende abranger o jovem, um dos públicos mais complicados de mapear as necessidades. Estes que possuem linguagem diversificada e própria, muitas vezes se esquivam de contato e só conseguem falar sobre os seus anseios nos relatos de suas histórias.

Para que a aproximação fosse realizada com êxito a metodologia utilizada foi ouvir esses jovens. Através da narrativa o saber é desvendado, de forma simples e otimizado pelas experiências e expectativas de 23 jovens da Mata Escura, dentre eles 15 meninas e 08 meninos com idades de 14 a 29 anos, sendo que 15 deles participam do projeto de Iniciação Científica Júnior da FAPESB³ e cursam o 2º ano do ensino médio. Os outros oito, com idade entre 14 e 25 anos, são monitores em um dos projetos do LTECS. “*Estes relatos permitem então, por um lado, definir os critérios de competência que são os da sociedade nas quais eles são contados, e, por outro lado, avaliar, graças a estes critérios as ‘performances’ que aí se realizam ou podem se realizar*”. (LYOTARD; 1993. p. 38).

Este artigo argumenta sobre a utilização da narrativa, pelos jovens da Mata Escura, como instrumento para explicar idéias e, principalmente, experiências frente a realidade sócio-cultural do bairro. Para tanto foram desenvolvidos três tópicos: o primeiro aborda sobre os propósitos do LTECS e sua intervenção na vida dos jovens da Mata Escura. O segundo tópico explana sobre o bairro e a utilização da sua identidade na formação destes

³ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

meninos e meninas. E o terceiro tópico analisa as histórias de dois jovens e como a narrativa colabora para a percepção de quem eles, realmente, são.

2 Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais: Sua intervenção na vida dos meninos e meninas da Mata Escura.

O Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais – LTECS, parceria entre os Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador - UNIFACS e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, realiza no bairro da Mata Escura, um projeto de estudos e pesquisas de requalificação sócio-ambiental.

A missão do LTECS é articular as demandas sociais, culturais, econômicas e ambientais da comunidade através do desenvolvimento de projetos de inclusão social e redução das desigualdades sócioespaciais, com o apoio dos setores público e privado, o que possibilita a formação de uma identidade local. Como reconhecimento de sua iniciativa o laboratório ganhou a segunda colocação do Prêmio Bahia Ambiental na Categoria Idéia Sustentável, em 2006, concedido pela Secretaria de Recursos Hídricos e Meio Ambiente do Estado da Bahia.

Em um ano de existência do LTECS, no bairro, várias ações foram realizadas no âmbito político-institucional e na produção científica, porém vale ressaltar as iniciativas que corroboram para o desenvolvimento comunitário, dentre as quais: formação de parcerias para implantação dos projetos sociais na comunidade (Unifacs, UNEB, FAPESB, SECTI, Petrobrás, COELBA, Banco do Brasil), como por exemplo, a instalação do Infocentro; cursinho pré-vestibular; escritório público de arquitetura e engenharia; assessoria à formação de cooperativas locais; núcleo da cidadania.

Um dos projetos que englobam a área de produção científica e desenvolvimento comunitário é a participação de 15 bolsistas de Iniciação Científica Júnior da FAPESB. O projeto contribui para o desenvolvimento comunitário, visto que, são jovens da Mata Escura, estudantes do ensino médio, do Colégio Estadual Dorival Passos, o qual faz vizinhança com a Penitenciária Lemos de Brito. Eles foram selecionados pelo desempenho escolar e auxiliam a realização de pesquisas em vários segmentos do LTECS, possibilitando aprendizado de diversas formas, desde a utilização de um computador a métodos para a execução de uma pesquisa científica.

O Infocentro, uma parceria com a SECTI / COELBA, que oferece inclusão digital para a comunidade registra em torno de 5 mil acessos mensais. Pessoas de todas as faixas etárias que não tem acesso ao computador, e através deste projeto podem conhecer o avanço tecnológico, seja através da digitação de uma simples carta, ou a criação de uma conta de e-mail ou o desenvolvimento de trabalhos escolares.

Para a funcionalidade deste Infocentro, foi preciso contar com a ajuda de voluntários da própria comunidade, indicados pela Escola Estadual Márcia Meccia⁴, após participarem de um curso de informática. Oito se integraram ao projeto do LTECS, passando por grandes transformações, pois podem lidar com a responsabilidade de serem monitores do local e um avanço no aprendizado. Assim 23 jovens participam de perto das atividades do LTECS e são o objeto de estudo de pesquisas para verificar como o laboratório influencia a formação dos mesmos, assim como para colher suas histórias sobre a Mata Escura.

⁴ Escola localizada no bairro apontada pela Unesco como 'Escola Inovadora de Combate à Violência'. Desde 2001 desenvolve o 'Projeto Amataquedá' que com uma proposta de desenvolvimento social promove iniciativas culturais, esportivas, sociais e de geração de emprego e renda nos horários que a instituição não tem aulas.

3 Mata Escura: A Identidade do bairro na formação de seus jovens

O LTECS situa-se na Mata Escura, um dos bairros pertencentes à área conhecida como “miolo”⁵ de Salvador, que forma um grande aglomerado residencial de baixa renda e carente de infra-estrutura que ocupa as meias encostas das diversas localidades do bairro. Como a maioria dos subúrbios, também apresenta problemas sociais, ambientais e estruturais.

Surgiu de forma desordenada com o crescimento populacional e habitacional e agigantou-se sem que nenhum tipo de infra-estrutura acompanhasse seu crescimento. Como consequência, 46.132 pessoas que habitam na Mata Escura, segundo o censo 2000 do IBGE, enfrentam dificuldades extremas nas áreas de transporte, segurança, saneamento básico, limpeza urbana, educação, lazer, saúde, etc. *“Periferia é o cinturão em grego, nem campo nem cidade, um outro lugar, que não é mencionado no registro das situações”*.(LYOTARD; 1996; p. 23).

A identidade do bairro é vista e descrita pela maioria desses jovens como mais um bairro sem história, e sem características peculiares, alguns moram no bairro desde que nasceram, mas não o reconhecem, além de não identificarem as atividades que o bairro abriga, como as associações. Além das questões sociais por ser um bairro periférico, a violência, também, é associada pelo histórico, que na sua formação teve a construção da Penitenciária Lemos de Brito. Hoje, o maior Complexo Penitenciário da Bahia.

⁵ De acordo com PDDU Salvador 2004, o termo “miolo” significa parte do território municipal situada entre os dois principais eixos viários de articulação urbano-regional – a BR-324 e a Avenida Luiz Viana Filho (Avenida Paralela) – e as divisas de Salvador com os Municípios de Lauro de Freitas e Simões Filho.

O bairro foi uma das primeiras expansões territoriais da cidade, estima-se que começou a formação em 1916 como a criação do terreiro de candomblé Bate Folha⁶, de nação Angola, que foi tombado pelo IPHAN, em 2003, como Patrimônio da Cultura Afro-brasileira. A ocupação foi dada, principalmente, por pessoas oriundas do interior e desprovidas de capital. Somente nos anos 80 começaram as obras de urbanização nas imediações, a partir daí as invasões contribuíram para o inchaço do bairro. Vários conjuntos habitacionais foram construídos, o que potencializou as condições de moradia, mas em contra partida devastou a reserva de mata atlântica do local.

A história da Mata Escura, ainda inclui a construção das represa do Prata e da Mata Escura, sendo feita por elas o abastecimento de água da cidade do Salvador até 1987, todas duas projetadas pelo Engenheiro Teodoro Sampaio, no final do século XIX. A maior parte desses jovens desconhece essa informação e nem ao menos sabe a importância desse fato para a funcionalidade de Salvador por certo tempo. Há também a presença do IBAMA no bairro, trabalhando com a reabilitação de animais.

Ouvir sobre o bairro pelas histórias dos jovens é curioso e esclarecedor, pois muitos vivem na comunidade desde que nasceram e narram contos de suas infâncias, que viviam entranhados na essência do bairro, como Meire, uma das bolsistas de iniciação científica júnior, que ao falar de sua infância lembra que aos oito anos já ia na mata procurar folhas como sua mãe, pois esta as vendia na feira de São Joaquim, história infantil que anuncia a forte particularidade do bairro, evidenciado inclusive no nome: A Mata.

4 Os Jovens e suas Histórias

⁶ Este terreiro antes era denominado de Manzo Bandu Kuen Kué, nome de origem africana que em português significa Sociedade Beneficente Santa Bárbara. Informações sobre o terreiro foram colhidas através de entrevista com, um dos membros do local, Mônica Santos, em 20 de agosto de 2006 .

A possibilidade do registro dos relatos dos meninos e meninas da Mata Escura faz com que a construção da história passe a ser feita não apenas através da palavra “oficial” do pesquisador, ou do saber científico, simbolizado pela escrita, mas pelo relato de uma infinidade de sujeitos, que interpretam de maneira diferente o mesmo fato. “*Vimos, portanto, uma passagem da majestade amortecida das grandes narrativas à autonomia fragmentadora das micronarrativas*”. (CONNOR; 1993, p. 33).

Ao ouvir a narrativa desses jovens sobre diversos assuntos, é possível captar como eles concebem o bairro e o desvalorizam, como eles sentem as dificuldades e como fazem para lidar com elas e construírem atalhos. Indagada durante uma conversa sobre o que mais gosta no bairro, uma das jovens afirma: “*Não vou mentir, eu não gosto daqui, eu tenho medo da Mata Escura*”.

Nessa convivência com o real, é difícil a utilização do imaginário para desvirtuar a atenção aos assuntos sociais. Para compor este artigo foram realizadas entrevistas com duas jovens, uma delas, Raiany Izabella Santos Marinho⁷, 15 anos, 1º ano do ensino médio, estudante do Colégio Estadual Deputado Manoel Novais, mora a 14 anos no bairro e é monitora do Infocentro no LTECS. A outra, Meire Messias de Souza⁸, 20 anos, 2º ano do ensino médio, estudante do Colégio Estadual Dorival Passos, mora a 16 anos no bairro e é bolsista de iniciação científica júnior da FABESP.

O bairro é subdividido, informação ressaltada pelas jovens para falar de violência, segundo Raiany, “*A Mata Escura é um bairro dividido em sub-bairros, tem a rocinha, o inferninho [...] aí fica um conflito entre si, dentro do próprio bairro*”. Meire identifica como vários tipos de violência, “*A Mata Escura, em si, é dividida, tem várias partes, daí cada uma tem um tipo de violência*”. Raiany diz, que as pessoas de outros bairros, têm

⁷ Entrevista concedida a Danubia Leal, no bairro da Mata Escura, em 12 de agosto de 2006.

⁸ Entrevista concedida a Danubia Leal, no bairro da Mata Escura, em 15 de agosto de 2006.

medo quando ela fala onde mora, “[...] as pessoas perguntam: ‘Ah, onde? Perto da penitenciária? Afe Maria se eu for lá, eu vou voltar sem roupa!’ Lá no colégio é bem assim”.

A participação dessas jovens no LTECS já reflete nas expectativas das duas jovens, Raiany acredita que poderá ter um auxílio referente à inserção numa universidade, pois o contato com estudantes e professores, aguçou sua vontade de buscar uma profissão, ela quer ser bióloga. Meire concebe o LTECS como uma proposta inovadora, e por isso espera poder conciliar sua vida de mãe com uma atuação ativa frente aos novos conhecimentos.

Para alcançar qual a verdadeira relação dessas jovens com o bairro, elas foram indagadas sobre suas infâncias, visto que cresceram no bairro, e têm uma visão estereotipada pela sociedade. No relato de suas vivências enquanto crianças, histórias diferentes de jovens que apesar de morarem no mesmo bairro, o percebem de forma diferente, talvez pela descrição de áreas feitas por elas mesmas.

Raiany, ao falar de sua infância, emite elementos que caracteriza a essência do bairro: *“Eu ia na Mata, eu e algumas colegas, tem uma bica aqui, é indo para o arraial do retiro, essa ainda existe, sai a água do chão, a água mina, e vai até chegar em um tubo, ai cai, por isso é bica. A gente tomava banho, carregava água, pegava peixe. Ah, e faltava muita água, ainda falta, mas faltava demais, ai eu, pequena, ainda lembro, ia com minhas irmãs, levava um monte de panela e balde, carregava água para cima e para baixo, mas era tão legal! Eu me divertia muito”*. O sorriso sai, naturalmente, da lembrança de uma infância caracterizada pela vivência com os elementos naturais do local.

Meire faz relatos diferentes, aponta o fato de conhecer a parte da mata atlântica muito bem, sua mãe é vendedora de folhas na feira de São Joaquim, há 20 anos, e desde os

oito anos a menina já ia na mata buscar as folhas com a mãe, sempre por volta das 05h. *“No início, era divertido, eu ficava arrancando um bocado de folha, gostava de ajudar mainha, mas depois passou a ser cansativo, folha é leve, mas um monte junta pesa muito”*.

Ela inicia uma fala, sem que seja questionada, *“Hoje eu, ainda, tô estudando, porque quando eu era 6ª série, eu ia para o colégio andando, e passava em frente da penitenciária, e tinha um cara lá, que o pessoal falava que era um estrupador, e ele começou a mexer comigo, mas mexer mesmo, daí eu decidir não ir mais para a escola. Falei com minha mãe e ela arranhou um trabalho numa casa, não agüentei um mês. Voltei para minha casa correndo, eu tinha uns 12 anos, só fui voltar a estudar no outro ano, mas com 17 tive que largar de novo para ter meu filho”*. Meire faz esse relato para justificar os motivos de ainda está estudando, mas transmite como o jovem de um bairro periférico faz para contornar as dificuldades sociais, e como isso afeta sua concepção do bairro.

Para ela, os pontos positivos não existem, ela disse que sempre viu muita coisa ruim no local onde mora. Segundo a jovem, hoje é melhor, pois há cinco anos, um traficante tomou conta do local, e não permite violência explícita: *“Ele diz, que se alguém quiser fazer alguma coisa que faça fora de lá, e isso é bom, pelo menos meu filho não fica vendo tudo que eu vi, por aqui não tem espaço para as crianças brincarem, nunca teve, ele tem que brincar na rua mesmo”*.

Faltam espaços de socialização, os jovens estão imersos num ambiente onde a diversão, o entretenimento e a troca de cultura não existem. Só tem duas alternativas para esses jovens, se entorpecem com a televisão, ou irem para a rua em locais inadequados encontrarem, possíveis, más companhias para se socializarem.

5 Considerações Finais

Conviver num bairro periférico num país de “terceiro mundo” não é fácil, contudo se torna ainda mais cruel para os jovens. Os bairros, mesmos os periféricos, tem suas peculiaridades, cultura, costumes e histórias, que poderiam está sendo transmitidos para os jovens, fortalecendo a identificação do local e a estrutura social dos mesmos, porém o cenário que é visualizado, é precário, não há incentivo para o crescimento e a descoberta.

A constituição da identidade tem que ser pensada a partir de agora, o despertar destes jovens para a necessidade da valorização de suas origens e histórias é imprescindível e urgente. Eles conhecem alguns aspectos positivos, mas não conseguem valoriza-los, pois há a ridicularização social, já outros aspectos eles precisam tomar conhecimento.

Fica claro que o bairro tem muito a contar, entretanto mais ainda tem esses jovens a contar sobre o bairro, histórias desconhecidas e muitas delas inesperadas no imaginário das pessoas. Só as narrativas desses jovens sobre eles próprios e o bairro, podem fazer perceber quais são os anseios, preocupações, idéias e expectativas dessa parte da comunidade e como projetos de desenvolvimento sociais, a exemplo do LTECS, podem envolvê-los de forma coesa e eficaz, na busca de oportunidades e despertando expectativas de uma vida mais estruturada, com uma identificação local sem estereótipos e preconceitos.

Referências Bibliográficas

CALDAS, Alcides; NUNES, Eduardo. Laboratório de Geografia Social e Intervenção Urbana: A criação de espaços de sociabilidade em bairros periféricos de Salvador. **Revista de Desenvolvimento Econômico / Unifacs**, Bahia, Ano IV, n.07, 24-33, dez., 2002.

CASTELLIS, Manuel. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna - Introdução às teorias do contemporâneo**. 2ª Edição. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.

LYOTARD, Jean François. **Moralidades Pós-modernas**. Coleção Travessia do Século. São Paulo: Ed. Papirus, 1996.

LYOTARD, Jean François. **O Pós-moderno**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1993.

Referências eletrônicas

Mata Escura (Salvador). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mata_Escura>. Acesso em: 07 ago. 2006.